Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim Class.: 12

Data: 03/81 Pg.: 09

No Maranhão

Projetos Econômicos esmagam os Krikati

No Maranhão, através de projetos agropecuários mecanizados, a FUNAI continua perpetuando a dependência do povo Krikati em relação a sociedade envolvente. Com muito zelo, a FUNAI fez com que toda a comunidade passasse a girar em torno de um único objetivo: cuidar da plantação de arroz e do gado.

A aldeia dos **Krikati** está situada a 18 km, aproximadamente, da cidade de Montes Altos. Alí existe um Posto da FUNAI, uma escola e uma cantina, Jorge, o chefe de Posto, é terrivelmente liberal, permitindo a entrada de qualquer visitante, desde que seja como turista e para comprar artesanato. Jorge está sendo substituído por Ribamar mas parece que tudo vai continuar na mesma.

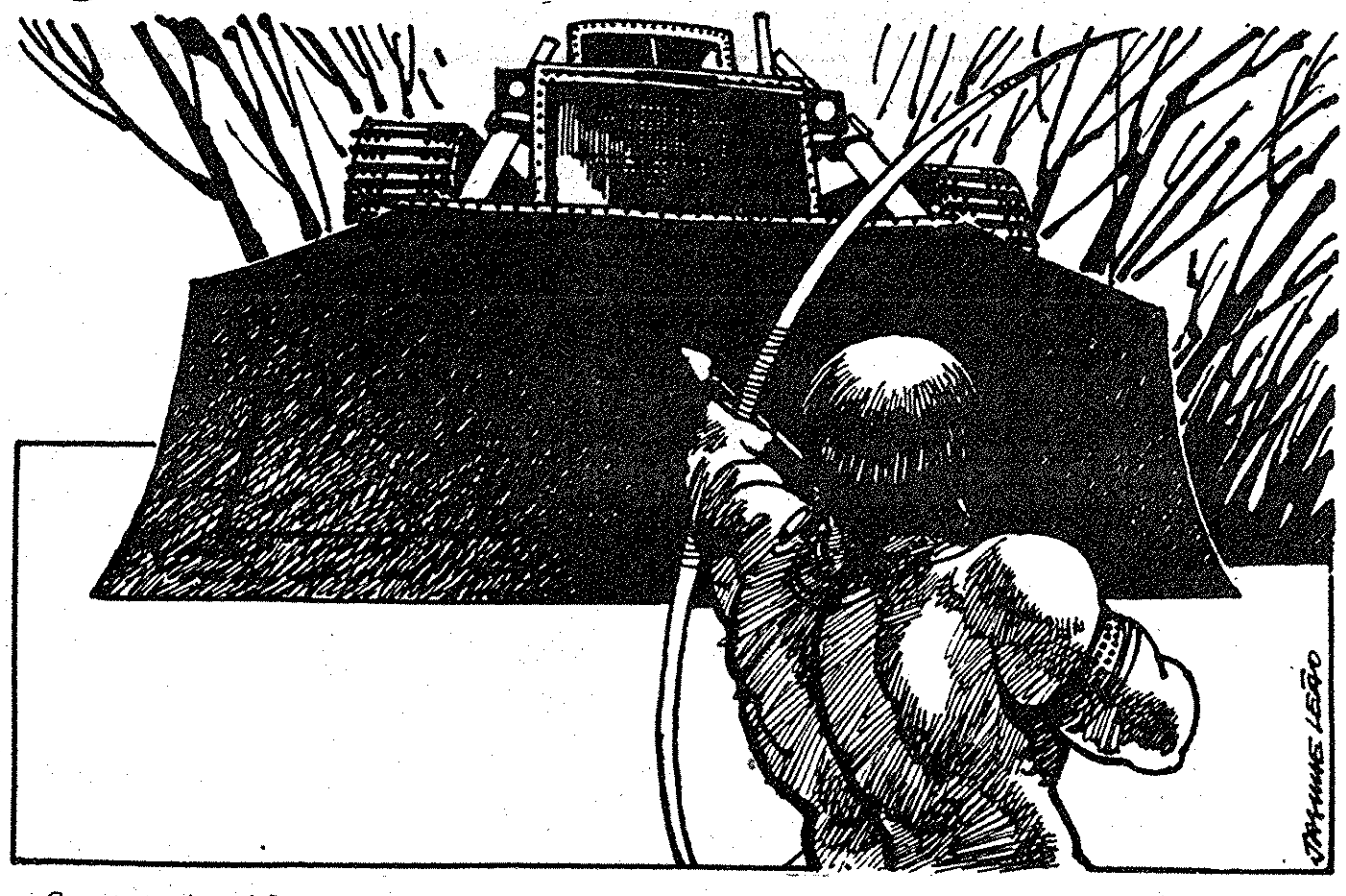
Logo quem chega na aldeia percebe o estado de dependência em que foram jogados os **Krikati** que cercam os visitantes oferecendo colares, tudo o que possuem e pedindo dinheiro. Alegam alguns que é para comprar farinha na cantina mantida pela FUNAI - uma das formas sutis de introduzir relações capitalistas na cultura indígena.

O chefe de Posto pode explicar pacientemente as vantagens da plantação mecanizada de arroz, com safra estimada em 800sacos. Do outro lado da estrada, que corta a aldeia; um trator de esteira serve para limpar a fim do gado pastar. Estes são os projetos agropecuários que a FUNAI está impondo aos **Krikati.**

MECANIZAÇÃO

Os indígenas contam que os tratares e caminhão foram conseguidos através da indenização da CHESF (Companhia de Eletricidade do São Francisco) pela derrubada da mata para implantação das torres de transmissão de energia. Quem foi indenizado foram os **Krikati,** mas quem administra os bens é a FUNAI. A plantação de arroz foi feita mecanicamente, assim como a a limpeza da área para o pasto. Os **Krikati** não participam da implantação do projeto e o arroz que ali nascer será colhido também mecanicamente e vendido aos seus donos, ou seja, aos indígenas. Desta forma vai-se moldando o espaço que o capitalismo reserva aos povos indígenas: a marginalidade.

O caminhão é fonte de renda, pois os turistas, e compradores de artesanato que vão a aldeia devem pagar a viagem de caminhão até a cidade de Montes Altos ao chefe de Posto.



Com tantas imposições e violações, a cultura indígena se encontra totalmente descaracterizada. O cacique é escolhido pela FUNAI e pode pedir dinheiro dos visitantes cheirando a cachaça e elogiando a FUNAI como acontece com o cacique Herculano. Recentemente ele foi avistar-se com o coronel Nobre da Veiga em Brasília.

Recentemente os universitários do Projeto Rondon estiveram visitando a aldeia. Segundo o chefe de Posto os universitários vão fazer um levantamento e dar sugestões para melhorar a vida dos índios em relatório a ser encaminhado a Brasília.

Ora, sabe-se que os estudantes estão sendo usados pelo SNI (Serviço Nacional de Informação) como informantes. E com que conhecimento e direito esses jovens, acostumados nas cidades grandes vão dizer aos **Krikati** o que lhes é melhor?

Além de tudo, as terras dos **Krikati** ainda não foram demarcadas. O Chefe de Posto afirma que se não fosse a FUNAI todo o povo já teria sido eliminado pelos fazendeiros. E existem muitos fazendeiros na área, como os políticos José Sarney, Edison Lobão e o deputado estadual Sálvio Dino, todos unidos na defesa dos interesses dos fazendeiros.

Só uma mudança estrutural neste país poderá garantir a sobrevivência dos **Krikati.** Mas, enquanto se luta pela transformação social, a sorte do povo **Krikati** depende da capacidade de resistência que possam descobrir e organizar.